
Porto Alegre e as suas representações sociais na coluna “A Cidade” de Roque Callage

Porto Alegre and its social reproduction in the column “A Cidade” from Roque Callage

Henrique Perin¹
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: Este artigo pretende explorar a representação social da cidade de Porto Alegre na coluna “A Cidade”, assinada pelo cronista Roque Callage, no jornal Diário de Notícias. Para tanto são utilizados como aporte teórico textos de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Émile Durkheim, além de algumas crônicas de Callage. A pesquisa apresenta e discute temas como Habitus e Campos Sociais, assim como Campos de Produção Simbólica, que auxiliam a compreender as relações e as representações sociais de Porto Alegre na concepção de Callage. É possível perceber na “A Cidade” não apenas as várias visões que o cronista tem da capital sul-riograndense, mas também a configuração de uma sociedade múltipla e o resultado das tensões entre grupos com capitais sociais distintos. As diversas ambiências pelas quais o cronista Roque Callage transita permitem legitimar seu papel como observador das mudanças urbanas, das relações, das aproximações e das disputas entre os grupos distintos que formam os campos sociais de Porto Alegre.

Palavras-chave: Roque Callage. Habitus. Campos sociais.

Abstract: This article intends to explore the social reproduction of the city of Porto Alegre in the column A Cidade, signed by the chronicler Roque Callage, in the newspaper Diário de Notícias. To this explore this factor, texts such as Roger Chartier, Pierre Bourdieu and Émile Durkheim are used as theoretical contributions, as well as some Callage chronicles. The research presents and discusses topics such as Habitus and Social Fields, as well as Symbolic Production Fields, which help to understand the relations and social representations of Porto Alegre in Callage’s conception. It is possible to perceive in A Cidade not only the various points of view that the chronicler has of the Rio Grande do Sul capital, but also also the configuration of a multiple society and the result of tensions between groups with distinct social capitals. The diverse ambiences through which the chronicler Roque Callage transits allow to legitimize his role as an observer of urban changes, relations, approximations and disputes between the distinct groups that form the social fields of Porto Alegre.

Keywords: Roque Callage. Habitus. Social fields.

¹ Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8745-8310>. E-mail: perin82@hotmail.com



Introdução

Quando se realiza a análise das transformações urbanísticas de Porto Alegre e as intervenções públicas através de obras de remodelagem urbana (criação de praças, abertura de ruas e avenidas, zoneamento de áreas industriais e residenciais, inovações no transporte público, saneamento, eletricidade etc.) entre o final da República Velha (1889 – 1930) e o início do governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945), é imprescindível o resgate da produção literária dos repórteres e cronistas da cidade. O rol de escritores seria demasiado extenso para uma análise minuciosa, pois nomes como Antônio Coruja, Achylles Porto Alegre, Vivaldo Coaracy, Roque Callage, Paulino Azurenha, Zeferino Brasil, Alcides Maya, Álvaro Moreira e tantos outros, registraram de modo sagaz – e muitas vezes inovador – o crescimento de uma cidade sofisticada e vibrante, que sempre conviveu com a dicotomia entre o rural e o urbano. Propõe-se, então, para a realização deste artigo, a utilização de apenas um cronista: Roque Callage. O motivo da escolha torna-se claro quando se compreende que sua produção jornalística, entre os anos de 1925 e 1930, com a coluna “A Cidade”, no então debutante jornal *Diário de Notícias*, prestou um valioso trabalho na representação² de um cotidiano que, se em um primeiro momento apropriou-se de acontecimentos reais, em seguida criou uma visão distinta da cidade, uma representação própria de um *flâneur*. O “moderno” e o “novo” tomam lugar nas crônicas de Callage, transformando a cidade em mais que um elemento ou um cenário, mas em um personagem que interage com seus habitantes, modificando-os conforme se expande e amplia, agindo como agente catalizador de inovações na sociedade sul-riograndense.

O imaginário dessa cidade e suas representações através dos textos do autor se apresentam como ponto fundamental para a compreensão das modificações urbanas na capital gaúcha das primeiras décadas do século XX. Cosmopolita e experimentando seus primeiros anos como uma cidade pertencente ao regime republicano, Porto Alegre vivenciou a mudança de um ambiente, onde o rural e o urbano se amalgamavam, para o cientificismo positivista e as presidências de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros; a *Belle Époque* deu seus ares, modificando as relações sociais e de trabalho, manifestações culturais e hábitos de lazer do porto-alegrense. Roque Callage apresentava, assim, em sua coluna, duas Porto Alegres: uma real, com seus personagens, bairros, praças e problemas de ordem estrutural, e uma idealizada, onde a representação do moderno encontrava os elementos necessários para seu desenvolvimento. Parafraseando Angel Rama (1985), uma cidade, antes de tudo, existe como representação simbólica.

Representação coletiva e representação social: um olhar através de Durkheim, Chartier e Bourdieu

Antes de iniciar a análise das crônicas de Callage e o modo como a cidade de Porto Alegre é representada em sua coluna, é pertinente partir de um breve referencial teórico, além de fazer alguns apontamentos sobre a vida, o trabalho, as influências e as obras do escritor. Iniciando

² O conceito de “representação” adotado permeará os pressupostos de Roger Chartier, mas para tanto, também serão apresentados os apontamentos de Émile Durkheim e Pierre Bourdieu, discutidos e relacionados na segunda parte deste artigo.

pela compreensão de que as representações sociais são constituídas através de dispositivos de pensamento social, onde se comportam informações, experiências, conhecimentos e modelos de sociedades, que por sua vez são analisadas, discutidas e reutilizadas por um número incontável de instituições, tem-se a certeza que o termo “representação” pode conter mais de um único significado. Encontrados em inúmeras áreas de sociabilidade, os modelos de representação social não estão restritos aos fenômenos culturais ou políticos, mas revelam-se em um processo complexo que envolve a multiplicidade de setores, de práticas sociais, de atividades e de objetos da vida coletiva e individual. A existência de um pensamento social, resultado das experiências, das crenças e das trocas de informações (atividades corriqueiras da sociabilização humana) cria construções paradigmáticas a partir de uma necessidade social. Como será utilizado o conceito de representação de Roger Chartier, no qual se compreende as classificações e divisões que organizam e dão forma ao mundo social por meio de categorias de percepção do real, será necessário tratar também das contribuições de Pierre Bourdieu e Émile Durkheim (CARVALHO, 2005).

A transfiguração de um sentimento de “consciência coletiva” para o de “representações coletivas” é analisada por Émile Durkheim, em *As formas elementares de vida religiosa* (2000), a qual, através de reflexões acerca de sistemas religiosos primitivos, o autor percebe a necessidade de discussão sobre a dicotomia entre as representações sociais e a coletivas. A teoria de Durkheim apresenta na figura do “totem” a essência da religião, um símbolo que instiga a noção de coletividade e pertencimento, onde a sociedade só é imaginada graças ao sentimento de solidariedade que vai além do individual e se utiliza de regras e de ações coletivas que visam orientar o indivíduo. O totem de Durkheim oferece, então, os conceitos básicos da constituição da representação social, demonstrando que um fenômeno social só é legítimo quando se transforma em um símbolo. A religião se torna, portanto, a representação da sociabilidade e a origem das primeiras representações coletivas, necessariamente sacralizadas quando instituídas de um símbolo coletivo e valorizada como princípio basilar da realidade social, onde o sentimento de pertencimento é adquirido através da relação com o reconhecimento do “sagrado” e do “profano”, na religião (DURKHEIM, 2000).

Além de Durkheim, a contribuição de Pierre Bourdieu e sua delimitação de *Campos Sociais* e de *Habitus*, por meio dos quais se compreende que toda sociedade é construída através da interação coletiva, é imprescindível para os conceitos de Chartier sobre representação. Definindo inicialmente o que Bourdieu entende por *Habitus*, e posteriormente sua delimitação de *Campo*, apresentando os dois como “estruturas”, é possível explicar sua compreensão de representação social. A concepção da ideia de *Habitus*, não é inédita para o autor, visto que ele utiliza vários conceitos alheios – Durkheim e Panofsky –, mas os propõe como uma diretriz mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que simultaneamente orienta a ação e é produto de relações sociais, assegurando a reprodução dessas relações. Assim, o *Habitus* constitui disposições adquiridas a partir do conhecimento, que pode ser coletivo e individual, tornando-se uma estrutura flexível de gosto, de visão de mundo – *Habitus* é, assim, uma estrutura estruturada e estruturante (BOURDIEU, 1994).

A ideia de *Campos Sociais*, para Bourdieu, apresenta estruturas relativamente autônomas que se formam no espaço social em torno de grandezas específicas, ou de capital social, os quais

são disputados por quem os compõem – os campos, assim, são dinâmicos e estão sempre em transformação. Cada *Campo Social* corresponde a um capital social: no campo econômico é a propriedade privada, os meios de produção, os bens financeiros e o patrimônio; no campo das relações sociais, o autor define como o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1994, p. 67). Já no campo cultural, o capital social é representado pelos títulos escolares, características linguísticas, etiqueta, códigos culturais, as práticas, os bens e as propriedades culturais – livros, obras de arte, esculturas, partituras, dentre outros. Esses capitais são apropriados de formas diferenciadas e mantêm pesos distintos entre si, sendo alguns mais valorizados que outros e consistindo em fatores de diferenciação, definindo o princípio sob o qual se legitima a hierarquia do espaço social. Por fim, aqueles que possuem maior volume de capitais definidores da hierarquia dentro do campo, ocupam posições dominantes, enquanto aqueles que possuem volumes mais modestos ocupam posições dominadas. Em cada campo, o capital econômico é um recurso tão útil quanto os capitais específicos para a determinação e reprodução das posições sociais. Quanto menos influência de elementos externos um campo sofre, mais autônomo é esse campo (BOURDIEU, 1997).

Bourdieu formula, desse modo, um sistema teórico onde o *Habitus* produz representações e se torna produto de condições objetivas, estabelecendo a mediação entre as condições materiais de vida e as representações sociais. Em *Sobre a Televisão* (1997), Bourdieu postula a existência de *Campos de Produção Simbólica*, um espaço social estruturado onde se constrói representações e a necessidade de seu próprio produto. Nesse sistema de disposições encontramos, na “estrutura estruturante”, as condições materiais de vida (característica de um determinado estrato social) dependentes das posições atuais e anteriores dos indivíduos no espaço social. Nesse local, regido por leis próprias no qual ocorre a disputa entre atores hierarquicamente situados e definido como *Campo Social*, as representações sociais são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, e os conflitos de representações se tornam relevantes para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os seus valores, o seu domínio (BOURDIEU, 1998).

Por fim, o conceito de representações de Chartier deve ser elaborado tomando como partida alguns pontos já estudados por Bourdieu, como as determinações de classe e de posição social. A relação entre a prática da leitura e o conceito de apropriação ajuda a criar os mecanismos de compreensão e a posterior superação entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações. A consciência de representação coletiva feita pelo grupo, de si mesmo, e a representação externa, feita “para” o grupo, retorna brevemente a Durkheim, articulando-se de modo mais palatável que o conceito de “mentalidades”. O esforço em articular e compreender esta noção de mentalidade, assim como as inúmeras relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social, apontam algumas diretrizes caras a Chartier. Inicialmente, o exercício de classificação e hierarquização resulta em configurações variadas através das quais se percebe e representa a realidade. Em segundo lugar, as práticas e os signos, cuja intenção é o reconhecimento de uma identidade social, passam a significar simbolicamente um *status*, uma categoria social. Finalizando,

os modelos institucionalizados através dos quais os “representantes” – indivíduos singulares e/ou instâncias coletivas – apontam de maneira visível a mecânica de uma comunidade, ajudam a legitimar a força de uma identidade ou mesmo a permanência de um poder (CHARTIER, 2002b).

Roque Callage: um breve apontamento biográfico

Tarefa um pouco menos complicada, entretanto, é traçar algumas linhas sobre a vida de Roque Callage. As informações biográficas do cronista anteriores à sua chegada a Porto Alegre são esparsas e de difícil rastreamento. Entretanto, alguns dados podem ser encontrados em colunas, notas e memoriais. Sabe-se que Callage nasceu em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1886. Contrariando o percurso acadêmico dos jovens escritores e jornalistas porto-alegrenses, não ingressou em nenhum dos cursos superiores presentes na capital, mas permaneceu em sua cidade natal após concluir o ensino primário. Trabalhando no pequeno comércio de seus pais, aos 14 anos, procurou instrução intelectual de forma autodidata em seu tempo livre, mostrando aptidão jornalística e literária através de participações em semanários locais, os quais vale destacar *A Sogra*, *O Estudante*, *O Bohemio* e *O Popular*, o último, de propriedade de Avelino Pereira, onde publicou textos marcados pela influência da prosa de Eça de Queirós. Em Santa Maria, Callage também escreveu na redação do jornal *O Estado*, dirigido por Andrade Neves Neto. Além de redator do jornal, em 1907 exerceu a função de professor de língua portuguesa no Ginásio Ítalo-Brasileiro (MARCHIORI, 2000).

Sua primeira publicação foi *Prosa de Ontem*, de 1908, ainda em Santa Maria e dedicado a Andrade Neves Neto e à “mocidade inteligente e generosa” da cidade. Renegada tanto pela crítica quanto pelo próprio autor, o compêndio de contos apresenta forte influência de Eça de Queirós, inspiração da juventude de Callage. Em 1910 sua segunda obra, *Escombros*, encontrou maior receptividade nos círculos intelectuais gaúchos. Callage então mudou-se para São Gabriel, cidade de Alcides Maya (com quem estabeleceu forte amizade), onde deu continuidade aos seus estudos da cultura sul-riograndense, suas lendas e costumes. A proximidade com Alcides Maya, a experiência e o convívio com os peões e os tropeiros da região, ajudaram a redirecionar sua produção literária, o que pode ser conferido em sua terceira obra, *Terra Gaúcha*, de 1914 (MARCHIORI, 2000).

No ano de 1916, Callage procurou vazão para suas aspirações intelectuais na cidade do Rio de Janeiro, onde acumulou as funções de funcionário da Biblioteca Nacional com o trabalho em diversas redações, como *A Notícia*, *A Tribuna*, *A Noite* e *A Gazeta*. Após quase dois anos na então capital da república, retornou a Porto Alegre, onde ingressou na redação do *Correio do Povo*. Sua volta ao Rio Grande do Sul culminou com a retomada de seus estudos sobre a tradição gaúcha, assim como a publicação de duas novas obras, em 1920: *Crônicas e Contos*, e *Terra Natal*. Influenciado pelo Realismo, gênero literário caracterizado por valorizar e interpretar a realidade do Brasil, o regionalismo gaúcho passou pela sua grande mudança. Temas como a região da Campanha, o gaúcho fora de seu ambiente, o folclore, os costumes e mesmo a paisagem como protagonista, foram explorados ficcionalmente por escritores como Alcides Maya, Simões Lopes Neto, e com uma noção um pouco distinta de regionalismo, o próprio Roque Callage (MOREIRA, 1982).

Durante a Revolução de 1923, o escritor estabeleceu-se ao lado dos assististas. Enviando notas ao *Correio do Povo* direto do *front* de batalha, a experiência lhe forneceu o material para a publicação de *O Drama das Coxilhas*, um apaixonante relato da defesa dos ideais Maragatos. Enquanto aproveitava uma breve estada em São Paulo, entre fins de 1923 e início de 1924, com o intuito de acompanhar a impressão de *O Drama das Coxilhas* pela editora de Monteiro Lobato, proferiu inúmeras conferências literárias tanto na capital quanto em cidades interioranas. Após breves meses em solo paulista, retornou ao Rio Grande do Sul para assumir seu lugar na redação do *Correio do Povo*.

Devido à amizade que mantinha com Leonardo Truda e Pedro Moura, dois diretores do jornal *Diário de Notícias*, Callage, aceitou o convite e assinou, já na primeira edição do jornal, em 1925, a coluna “A Cidade”, locada na terceira, quinta ou sexta página do periódico, no caderno “Ecos e Notas”. Ali desempenhou o ofício de cronista por mais de cinco anos, quando se exonerou de suas atribuições no final de 1930 para exercer a função de inspetor federal de ensino, na cidade de Rio Grande. Durante o período à frente da coluna, foram redigidas aproximadamente 1.500 crônicas abordando inúmeros temas, como o cotidiano, a política, a relação entre o urbano e o campo, a urbanização da cidade e a exclusão social. Ao retornar à capital gaúcha, voltou a colaborar com o *Correio do Povo*, entretanto, faleceu em 23 de maio de 1931, vítima de tuberculose (MACHADO, 1975).

Callage ainda contribuiu com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, além de ajudar a fundar o *Diário de Notícias*. Foi considerado um dos “novos que irromperam brilhantemente no primeiro decênio do século atual [século XX]”, manteve estreita amizade com Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Alcides Maya, Plínio Salgado e Amadeu Amaral. Walter Spalding (1926) considera Roque Callage como uma das mais completas personalidades da literatura gaúcha do incipiente século XX. Na lista de atividades exercidas por Callage, elencadas por Spalding, constam a de cronista, historiador, lexicógrafo, vocabularista, sociólogo e jornalista. Em 1932, um ano após seu passamento, foi publicado um panegírico onde seus amigos mais próximos, ao prestarem suas homenagens, traçaram o perfil de um intelectual, que “compreendia o conflito que se estabelecera no processo civilizatório do Rio Grande: de um lado, o progresso simbolizado na máquina; do outro, a coxilha, com o cavaleiro errante” (THOSTENBERG, 2003).

A coluna “A Cidade” e a representação de Porto Alegre pelo olhar do cronista

Sandra Jatahy Pesavento (1999), em *O Imaginário da Cidade*, destaca certa dualidade na maneira de descrever a cidade, onde a vida urbana de Porto Alegre e sua identidade colonial entram em conflito às portas de uma nova concepção de urbe, aberta à cultura estrangeira e resoluta em gradativamente relegar para segundo plano sua origem bucólica. As flutuações entre o rural e o urbano, presentes na carreira de Callage, não se configuram exatamente como uma dicotomia, principalmente pelo fato de o Regionalismo ser considerado uma manifestação romântica de recordação de raízes rurais, produto de uma sociedade moderna: não há rejeição do moderno por parte do escritor, mas antes, ele apresenta um olhar crítico

e diferenciado sobre a ruptura histórica que a capital sul-riograndense experimenta, assim como sob o aparecimento de identidades sociais modernas (MURARI, 2015).

O instrumento utilizado pelo autor para representar a cidade é a imprensa, subterfúgio de nações modernas para partilhar experiências e práticas sociais (ANDERSON, 2013). As crônicas, e especialmente as de Callage, oferecem uma miríade de possibilidades de interpretações sobre Porto Alegre, apresentando diferentes abordagens para quem investigar as relações e os modos de organização social do espaço urbano. A cidade reflete e decompõe uma gama de experiências na qual seu habitante interage e dá sentido aos espaços, onde muitas vezes o simbólico e o real se completam (MONTEIRO, 2006). A coluna “A Cidade” realiza esse trabalho de transposição entre o “real” e o “ideal”, abordando não apenas as interações entre seus moradores, os *habitués* dos cafés e bares, a moda ou as sociabilidades entre os diversos extratos de sociedade porto-alegrense, mas também analisa os problemas urbanísticos e de falta de estrutura em uma cidade que cresce vertiginosamente, passando de pouco mais de 50 mil habitantes para aproximadamente 180 mil, entre 1890 e 1920³. A análise do *corpus* constituído pelas crônicas de Roque Callage os anos de 1925 e 1930, torna-se um importante instrumento para compreender como um indivíduo, pertencente a um campo intelectual⁴ específico, representou Porto Alegre através de um veículo de imprensa.

A relevância do registro cotidiano através da imprensa é de assaz importância para a escrita e prática da história cultural. A efemeridade da crônica diária frente à rigidez e relativa temporalidade das grandes obras públicas de remodelação urbana encontra guarida na transformação de Porto Alegre em texto, uma representação da cidade que é lida e discutida nos espaços de socialização por todas as camadas sociais às quais a crônica atinge. Se por um lado o hábito e as relações sociais criam mecanismos que organizam o tempo e o espaço de uma comunidade, criando a reprodução de uma sociedade, por outro, esse mesmo espaço torna-se uma área de debates, trocas de ideias e criação (MURARI, 2012). A relação nem sempre harmônica dos personagens urbanos com a estrutura social na qual estão inseridos condiz com o modo de ação que comumente se espera de sociedades heterogêneas, assim como o questionamento quanto à estabilidade desta mesma ordem. A contraposição aos momentos de abalo e aos grandes eventos públicos reforça a força e magnitude do cotidiano, promovendo sua contínua renovação (REGUILLO, 2000 apud MURARI, 2012).

O ideal de uma cidade moderna e cosmopolita foi instigado pela coluna de Roque Callage no *Diário de Notícias*, tornando-se assim uma espécie de porta-voz do projeto de conversão de Porto Alegre, então uma “aldeia”, conforme o cronista, em “metrópole”. O colunista acompanhou e relatou em seu espaço as modificações do cotidiano da urbe, as expectativas dos cidadãos, os percalços técnicos e financeiros, as perturbações e o impacto das transformações infraestruturais no dia a dia da cidade. A concepção de “moderno” não representava unicamente a criação de um espaço urbano atualizado e modelado conforme a arquitetura ampla e

³ Cf. SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*, 1993.

⁴ Conforme Bourdieu, os campos se caracterizam por espaços sociais e dinâmicos, onde as ações individuais e coletivas ocorrem dentro de uma normatização, criada e transformada constantemente por suas próprias ações.

racionalizada das grandes capitais, como Paris ou Rio de Janeiro, mas sim um ideal estético: a cidade era acanhada, tortuosa e anti-higiênica, o oposto de um modelo de beleza onde se concebe o sentido de “novo”, que traduz o harmônico, o ordenado, o dinâmico e o diversificado (PESAVENTO, 1999). Callage convertia-se, assim, no arauto da modernização da cidade.

No período em que Callage escreveu sua coluna, Porto Alegre passou por vários empreendimentos com vista a remodelar o espaço urbano. Pode-se citar obras como a abertura de novas vias (Avenida Júlio de Castilhos, por exemplo), o início da construção do Viaduto Borges de Medeiros, a remodelação dos serviços sanitários e de fornecimento de água potável, a expansão do serviço de eletricidade, o calçamento das ruas centrais da cidade, o ajardinamento das primeiras áreas abertas do Parque da Redenção – atual Parque Farroupilha – e sua posterior abertura ao passeio público, além da iniciativa de criar a Banda Municipal e a intenção de erigir um novo teatro, o qual nunca foi concretizado (MURARI, 2012). Luciana Murari ressalta que, apesar de Callage ser entusiasta dessa atualização do espaço urbano, o autor sempre assumiu uma postura de vigilância em relação à administração municipal:

Callage não foi apoiador incondicional dos atos da municipalidade, exercendo uma constante vigilância em relação à atuação do poder público, especialmente no que dizia respeito à prioridade muitas vezes concedida ao “embelezamento” da cidade, e da concentração dos investimentos na zona central de Porto Alegre, em detrimento dos arrabaldes, sobretudo daqueles em que se concentrava a população operária da capital (MURARI, 2012, p. 345).

A análise crítica de Callage e de sua determinação em transformar o espaço urbano porto-alegrense através da sua coluna, seja de modo direto ou indireto, aborda as realizações dos órgãos públicos no intuito de modificar a urbe. As reformas urbanas realizadas em Porto Alegre na segunda metade da década de 1920, assim como em diversas outras cidades do Brasil, além de modernizar os espaços públicos, procuravam superar as características coloniais remanescentes. Tal tarefa só poderia ser executada por imposição do poder público sobre o poder privado, presente de modo dominante no meio urbano. A crônica de Callage defende as medidas civilizatórias impostas pelo poder público, exercendo uma nítida e consciente função pedagógica (MONTEIRO, 1995). A transformação dos costumes no espaço público urbano também se faz presente em sua coluna, onde o autor exerce uma ação direcionada à sua transformação, que Luciana Murari (2012) chama de “processo civilizador”:

Em consequência desse vertiginoso impulso que lhe está dando o progresso, a cidade começa a perder o seu feitio de arraial, os seus hábitos e costumes de aldeia. Ainda assim, muita coisa digna de registro resiste à onda civilizadora, dando margem a uma série de flagrantes onde o pitoresco e o grotesco repontam juntos, fazendo morisquetas ao urbanismo da metrópole (CALLAGE, 1930, p. 4).

A coluna de Callage torna-se um ponto de convergência onde os diversos aspectos do cotidiano urbano, fragmentados entre os seis anos de produção quase ininterrupta, encami-

nham-se para um debate público organizado e consciente. A própria relação de Callage com Porto Alegre é tema de sua coluna, em momento de ausência de seu titular:

Nômade por instinto, ele se educou e subordinou o seu erraticismo nos limites da cidade. Dentro dela, viaja incessantemente, como se viajasse o próprio planeta. E as impressões dessa contínua peregrinação ele as escreve aqui – pequeno “diário” de um homem que sempre se considera itinerante, ainda quando se senta para trabalhar. E a propósito: viajando, de verdade, metido num carro da Viação Férrea, o Callage não se sentiu – estamos a aposta-lo – muito bem. O carro era-lhe uma forçada mobilidade. De que lhe valia o trem a correr, se ele estava parado? (CALLAGE, 1928, p. 4).

Através deste relato, é possível compreender a afinidade que o cronista mantinha com a capital sul-riograndense. Sua rotina de deslocamento a pé e a observação do cotidiano, onde se encontrava de frente com uma cidade que se moderniza, torna-o testemunha das mudanças que tomam a urbe. O processo de remodelação urbana de Porto Alegre encontrou na imprensa – e principalmente na coluna de Callage – seu grande porta-voz, solicitando intervenções no espaço urbano que suportassem uma infraestrutura condizente com os “foros da terra civilizada” conquistados pela “metrópole” sul-riograndense (MURARI, 2012). Apesar do grande número de jornais e colunistas atuantes em Porto Alegre no período, Callage mantém-se entre os mais populares. Prova disto é a frequência quase que diária de sua coluna.

Outro ponto abordado na coluna de Callage são as aspirações artísticas da cidade, principalmente em referência ao Theatro São Pedro. Apesar de o colunista não demonstrar grande identificação com o velho teatro – segundo ele demasiadamente acanhado e precário para uma cidade das dimensões de Porto Alegre – sua posição em relação ao prédio é ambígua: não se esquivava de acusá-lo de anacrônico, mas também defende a realização de reformas que o tornem adequado aos requisitos modernos de conforto e salubridade. Maior simpatia era demonstrada pelo cineteatro Coliseu, que, apesar de modestas instalações, possuía capacidade para aproximadamente três mil pessoas, o que lhe permitia oferecer ingressos por valores populares e receber um público bem maior – que era, para desgosto do cronista, justamente o público das comédias populares e das revistas. Outro tema contemplado pelo olhar do colunista é o gradual “empobrecimento” da vestimenta utilizada pelos frequentadores do Theatro São Pedro, publicado na coluna de 30 de junho de 1928 (talvez aqui o conceito de lutas simbólicas, proposto por Bourdieu e retomado por Chartier, se encaixe com mais naturalidade):

Com o início da temporada lírica no teatro São Pedro, vimos observando ali um fato que, apesar de curioso, não deixa de ser perfeitamente justificável. É o que diz respeito aos trajes de rigor, tanto para damas como para cavalheiros. Na noite da estreia da companhia, os espectadores estavam em uniformidade de traje. Muito decote, muita manga curta, muitas casacas e muitíssimos smokings. Havia exceções, como sempre as há, mas em número muito resumido. Na segunda noite, porém, as exceções aumentaram. A variedade de trajes era

flagrante. Ainda assim predominava a roupa escura entre os homens. Mas, anteontem e ontem, as exceções continuaram a regra geral. Os frequentadores do São Pedro na atual temporada lírica apresentaram-se vestidos de todo jeito, só faltando alguém aparecer em pijama... Assim, que apenas em quatro noites de espetáculos a decadência do vestuário foi completa, como, aliás, já tem sucedido em outras temporadas de inverno (CALLAGE, 1928, p. 4).

Podemos retornar a Chartier para validar questão das lutas de representação, compreendendo que o poder está intrinsecamente relacionado ao crédito concedido à representação, o que permite avaliar a “violência simbólica”, cuja existência está condicionada à disposição do reconhecimento e consentimento de quem a sofre (CARVALHO, 2005). Além de Bourdieu, as contribuições de Durkheim também são utilizadas por Chartier, principalmente quanto à possibilidade de analisar as representações por dois olhares. O primeiro como uma incorporação de categorias mentais de classificação da própria organização social; o segundo como matrizes que constituem o próprio mundo social ao passo em que comandam seus atos e definem suas identidades (CHARTIER, 1990). A partir deste ponto, é possível relacionar a crônica de 30 de junho de 1928 a alguns pressupostos de Durkheim e Bourdieu, utilizados para a metodologia de Chartier sobre representação social e coletiva. É possível ler esta coluna por um caminho: a construção da identidade social parte do conflito entre representações impostas pelos grupos e agentes que detêm o poder de classificar e nomear as representações construídas pela própria sociedade (CHARTIER, 2002a). O poder e a dominação se fazem presentes, pois as representações não são apresentadas como discursos neutros, mas elaboram estratégias e práticas predispostas a impor autoridade e legitimar escolhas.

Quando se considera o padrão erudito estabelecido pela elite intelectual da cidade – e dentre eles, certamente, podemos incluir Callage –, a avaliação do nível cultural de Porto Alegre torna-se um assunto delicado. A questão principal não era a discussão da existência de um público, mas as escolhas deste, que nem sempre correspondiam ao padrão de bom gosto estabelecido em um período no qual as formas populares de cultura eram estigmatizadas pelas plateias instruídas. Compreende-se, assim, que a imagem da cidade como um ambiente culto, para Callage, estava ligada à existência de um público apto a apreciar as formas artísticas consagradas pelo padrão europeu: a pintura de cenas, retratos e paisagens, a música erudita, o teatro clássico francês, a cultura livresca (MURARI, 2015). Um exemplo pontual é o convívio de intelectuais, escritores, jornalistas e *habitués* na Livraria do Globo, considerada por ele superior ao próprio meio social em que atuava, o que é representativo do olhar às vezes depreciativo, às vezes encabulado, que o cronista dirige à cidade, constantemente acusada de um mal disfarçado provincianismo e um generalizado despreparo cultural.

A posição contrária do cronista frente às novas formas de expressão e linguagem, tanto no teatro quanto na música e nas artes plásticas, tornava-se latente quando a questão recaía sobre as inovações literárias modernistas. Poucas “campanhas” são tão corriqueiras em “A Cidade” quanto a que se opunha ao modernismo literário, comumente referido como “Futurismo”. A posição do cronista demonstra o conflito entre a modernização como atualização do sistema produtivo e como

expressão artística da modernidade. Isto transparece na entusiástica crônica sobre o progresso técnico da infraestrutura urbana e sobre a intensificação da atividade econômica em Porto Alegre, que ele declara ter escrito, inadvertidamente, ao estilo futurista: grandiloquente e fragmentário:

Viva a cidade, viva a baixa, viva a alta, viva tudo: pão e gente, farinhas e bananas, sobrados e casebres, riquezas e misérias, lama e cama, Força e Luz e Cemitério, dinheiro, dinheiro, dinheiro a rodo.

Arame!

Arame!

Arame!

para acabar de uma vez com a necessidade dos prontos... (CALLAGE, 1927, p. 4).

Conforme o colunista, o modernismo de fato havia exercido uma influência imediata sobre os pretensos literatos locais, embora, já em 1927, fosse anunciada sua decadência. Este gênero literário, segundo Callage, nada mais era que uma moda passageira como tantas outras, capaz de impressionar apenas a pretensos escritores e caricaturas de poetas provincianos. Bourdieu salienta que as relações de poder – as lutas simbólicas – exercem a função de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra. Compreende-se, deste modo, que as representações dos agentes sociais (nesse caso, Roque Callage) refletem uma visão de mundo que legitima sua posição em um espaço social, entendido simultaneamente como campo de forças e de lutas (a “moda passageira” prevista pelo cronista em relação ao Futurismo). Essas lutas visam a transformação dessas relações de forças, o que revela a configuração do campo social em um específico recorte histórico do grupo social implicado na análise (BOURDIEU, 1998).

Os “excluídos” da sociedade também figuram entre os personagens de Callage, onde se pode citar o elogio ao heroísmo das mulheres operárias, onde transparece o posicionamento dúbio do cronista em face da emancipação feminina. No olhar do cronista, esta já era uma realidade contra a qual nada havia a ser feito, o que tornava imprescindível a qualificação profissional exemplificada pelo número significativo de mulheres que se formavam professoras de música e artes plásticas, e pelo ingresso pioneiro de uma mulher na Faculdade de Direito (CALLAGE, 1926). A condição para a entrada da mulher no mercado de trabalho era, entretanto, a manutenção de sua feminilidade, pela qual deveria encontrar um equilíbrio possível entre a dedicação ao trabalho e a manutenção de seus papéis sociais consagrados, em particular seu papel na família (MURARI, 2015).

Esse olhar do colunista sobre os “esquecidos” da grande cidade implica considerar não apenas a miséria física induzida pelas duras condições de vida da época, mas também enxergar o sofrimento causado pela solidão na dura “luta pela vida”, pela marginalização social dos pobres, dos desconhecidos e dos humildes. No *corpus* é possível encontrar crônicas voltadas para os suicidas, os imigrantes, os ciganos, entre outros. Em particular, destacam-se as crônicas que registram a humilhação dos pobres, como o cidadão destratado pelo funcionário arrogante e a pobre idosa cega que, em um desfile de carnaval, recebe em troca da esmola um vidro vazio de lança-perfume. Através dessa simples história, que o cronista alega ser verídica, está

o oposto do dever de solidariedade que Callage busca incutir em seus leitores, convidados a dividir as angústias criadas pelo lado mais obscuro da vida na cidade (MURARI, 2015).

Analisando a coluna “A Cidade”, observa-se que a diferenças entre os inúmeros aspectos da vida urbana é constante nas crônicas de Callage. Sua forma mais contundente de expressão, entretanto, está na representação do movimento mundano da Rua da Praia, no contraste entre o luxo dos frequentadores do *footing* e a miséria de uma procissão de pedintes, crianças, idosos e doentes.

A festa dos “bichos”, promovida pela Federação Acadêmica desta capital, encheu de vida, de animação e de alegria a linda tarde de ontem. Em homenagem a esse delicioso momento de humorismo que os estudantes nos proporcionaram, a Rua da Praia esteve deveras buliçosa e ruidosa, a ela não faltou nem mesmo a graça de um punhado de lindas criaturas entregues, como sempre, à delícia mundana do *footing*. Foi realmente uma nota pitoresca e interessante essa dos estudantes. A vida da cidade, nos seus mais momentosos aspectos, palpitou ontem no espírito e na inteligência da classe acadêmica (CALLAGE, 1926, p. 4).

A análise das crônicas ao longo das intervenções urbanas em Porto Alegre a partir da metade dos anos 1920 é de extrema relevância para a compreensão não apenas das mudanças pelas quais a cidade passou, mas também para averiguar as representações, percepções e opiniões que tanto o cronista quanto seus leitores tinham da urbe. Os hábitos da comunidade sofreram mudanças, já que seu espaço de socialização também se modificou, e este é ponto onde o olhar arguto do colunista se foca: as mudanças na infraestrutura da cidade interferiram no viver de seus habitantes, e isto reflete-se em suas crônicas. Nota-se, então, que as representações coletivas reproduzem o modo pelo qual um grupo enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. De outro modo, pode-se concluir que exprimem o modo como os homens percebem a realidade de si mesmos e sobre a sociedade que os cerca, o que gera uma forma de conhecimento socialmente produzida (DURKHEIM, 2000).

Considerações finais

As inúmeras crônicas que Roque Callage escreveu na coluna “A Cidade”, entre 1926 e 1931, podem ser analisadas subjetivamente através de conceitos como “representação social”, “representação coletiva” e “luta simbólica”; as facetas do cronista revelam-se diversificadas quando ele apresenta os diversos olhares que faz da cidade. Ao se perceber que as “representações” não são discursos neutros, mas conceitos carregados de práticas e ideologias predispostas a inculcar autoridade e legitimar escolhas, a leitura de crônicas como a aquela onde é discutida a decadência da formalidade dos trajes no Teatro São Pedro, abre novas perspectivas de compreensão. A “autoridade” com a qual Callage discorre sobre as vestimentas – talvez aqui seja possível notar a “legitimação” decorrente do capital simbólico adquirido dentro do determinado campo intelectual onde se insere – ajuda a compreender a maneira como o cronista cria a representação de si frente às pessoas que se faziam notar em trajes inapropriados para os

espetáculos no teatro. Essa representação criada por Callage e presente em diversas de suas crônicas, só é visível quando analisamos o corpo documental e compreendemos as delimitações de Chartier, de Bourdieu e Durkheim acerca do conceito de “representações sociais”.

A relação entre a crônica sobre as vestimentas nas noites líricas do Theatro São Pedro e seus comentários sobre a “popularização” das peças apresentadas no cineteatro Coliseu, por exemplo, pode ser observada de dois modos. Inicialmente é possível compreender o posicionamento do cronista através da concepção de luta simbólica proposta por Bourdieu e retomada por Chartier, onde Callage, legitimado pelo seu *status* de literato, se posiciona em determinado campo social para lamentar a massificação da cultura em comédias e peças de menor visto, além da atração de públicos mais populares. Também se pode verificar uma ideia de “representação coletiva” – essa mais próxima de Durkheim – quando Callage retoma e a decadência do *glamour* nos trajes dos espectadores do teatro. A idealização que Callage faz de sua posição dentro de um determinado campo legitimaria a posição defendida em sua crônica, onde o capital simbólico representado nos trajes dos *habitués* do teatro os colocaria em posição inferior frente ao colunista.

Algo similar pode ser compreendido em sua defesa do padrão erudito que deveria ser estabelecido pela elite intelectual de Porto Alegre. Novamente percebe-se o conceito de representação retomado através da concepção social de um “campo intelectual” que deveria estar apto a apreciar as formas artísticas consagradas pelo padrão europeu e não se voltar às formas populares de cultura. O mesmo ocorre quando se posiciona frente à concepção “Futurista” de literatura. A maneira como o cronista se porta junto aos pretensos literatos modernos e à “passageira moda futurista”, pode ser compreendido por meio de Chartier e seu conceito de representação social, já que a posição do cronista é determinada pelos interesses e discursos do grupo ao qual está inserido. Quando observamos a disposição do colunista frente aos excluídos e à posição da mulher dentro da sociedade, também se torna latente o conceito de luta simbólica proposto por Chartier. O discurso proferido pela coluna “A Cidade” comprova isto quando encontramos elementos que procuram posicionar os indivíduos desses *Campos Sociais* em locais “subalternos” frente a outros campos.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu / Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002a.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002b.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o Sistema totêmico da Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MACHADO, Propício da Silveira. **Roque Callage: vida, obra e antologia**. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1975. <https://doi.org/10.29289/259453942018v28s1059>
- MARCHIORI, José Newton Cardoso. Introdução: **Terra Gaúcha**. Cenas da vida riograndense. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre**. Urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.
- MURARI, Luciana. “O gênio tumultuário da raça”: guerra e política no discurso histórico-literário de Roque Callage. **Letras**, Santa Maria, v. 19, n. 1, p. 131-52, jan./jul. 2009.
- MURARI, Luciana. A configuração do espaço regional nas crônicas de viagem de Roque Callage. **Revista del CESLA**, Varsóvia, Polônia, n. 12, 2012, p. 29-45.
- MURARI, Luciana. “Uma sucessão de quadros em Cosmoprama”: cotidiano e ordenamento social na crônica de Roque Callage. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 343-62, jul./dez. 2012. <https://doi.org/10.15448/1980-864x.2012.2.10925>
- MURARI, Luciana. O “passadismo” triunfante contra o “futurismo” que falhou: a crítica antimodernista na crônica urbana de Roque Callage. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 115-39, jul./dez. 2013. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.42123>
- MURARI, Luciana. “Um soberbo mostruário de atrações”: A vivência da rua na crônica urbana do Diário de Notícias (1925-1930). 2015. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.2.14886>
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade**. Imagens literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade. 1999.
- PITKIN, Hannah Feineckel. O conceito de representação. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevam (org.). **Política e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1983.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande**, v. 2. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1926.
- THORSTEMBERG, Valdéria. **A tessitura da modernidade literária: Diário de Notícias, de Porto Alegre, no ano de 1925**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. <https://doi.org/10.19070/2572-7354-160006>

Fontes

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 26 de abril de 1926, p. 4.

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 29 de abril de 1926, p. 4

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 de setembro de 1927, p.4.

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 7 de fevereiro de 1928, p. 4

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 de junho de 1928, p. 4.

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 30 de junho de 1928, p. 4.

CALLAGE, Roque. A Cidade. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, 27 de maio de 1928, p. 4.

Recebido em: 6/1/2019.

Aprovado em: 22/8/2019.

Henrique Perin

Endereço postal:

Av. Ipiranga, 6681, Partenon, Porto Alegre - RS

CEP: 90619-900